

MULHERES ESTRANGEIRAS NA VISÃO HERODOTIANA

Autoras: Juliene Vieira CÂMARA* – UFCG

Rosicleide Henrique da SILVA** – UFCG

Orientadora: Michelly Pereira de Sousa CORDÃO*** – UFCG

Ela percebeu o procedimento de seu marido, mas embora sentisse vergonha não gritou nem deixou transparecer que havia notado algo, pois tinha em mente punir Candaules (entre os Lídios e quase todos os povos bárbaros considera-se motivo de grande vergonha o fato de mesmo um homem ser visto nu)¹.

Heródoto nos apresenta o pudor de uma rainha, esposa de Candaules, sendo que este para certificar-se da beleza da esposa, pede a Gíges, seu favorito entre a guarda pessoal, para que a veja nua, e assim ocorre. Sentindo-se envergonhada pela atitude de Gíges, ela ordenou que este escolhesse entre morrer ou matar Candaules.

Nesse sentido, Heródoto enfatiza a capacidade de uma mulher ativa que soube articular em seu próprio leito e de forma minuciosa, a morte de seu esposo. É-nos mostrado um comportamento de mulher diferenciado do padrão feminino grego.

Dentro desse comportamento, podemos fazer referência ao escritor Fábio Lessa, que em sua obra, *Mulheres de Atenas*, nos informa a respeito de algumas virtudes próprias das mulheres atenienses que serviam como modelos de convenção social:

(...) as atividades domésticas, a submissão ao homem, a abstinência aos prazeres do corpo considerados como masculinos, o silêncio, a fragilidade e a debilidade, a reprodução de filhos legítimos, a vida sedentária e reclusa no interior do Oikos, bem como exclusão da vida social, pública e econômica (LESSA, ano 2001).

Assim como as mulheres estrangeiras tinham o seu papel na sociedade, Lessa quer mostrar que existia uma participação ativa da mulher grega no espaço externo do Oikos. “O Oikos era o espaço privado que estava ligado à individualidade e à vida doméstica”. (VERNANT:1989,p.218). Sendo que existe um interesse que o distingue

* Graduanda do III semestre do curso de História da UFCG.

** Graduanda do III semestre do curso de História da UFCG.

*** Professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia/UFCG. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação da UFCG.

¹ HERÓDOTOS. *Histórias*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988, livro I, p. 22.

da historiografia tradicional, cujas interpretações privilegiavam exclusivamente a documentação textual que dava conta dos ideais culturais atenienses, não se preocupando com a experiência social.

Lessa enfatiza que a própria necessidade das esposas pobres trabalharem para a sua manutenção explica a existência da flexibilidade em relação à melissa (mulher abelha). “Esta, está ligada ao conceito de esposa bem nascida atribuído às mulheres legítimas dos cidadãos que pertencem ao segmento social ateniense”. Nesse aspecto, é mostrado que para gerenciar o grupo doméstico, por vezes a esposa necessitava “romper” com a rígida demarcação de seu lugar e espaço, gerando “censuras” masculinas ao seu comportamento.

Existia, então, um contraste entre vida pública e privada na Atenas clássica, sendo que no interior do Oïkos o espaço era fechado, hierarquizado e mais funcional que ornamental. Segundo Lessa (ano:2001).“No seu interior, os relacionamentos eram hierárquicos: marido- mulher, pais- criança, senhor - escravo”. Pode-se perceber, dessa forma, que havia uma interação, e não uma oposição, entre os espaços interno e externo. Às esposas atenienses eram atribuídas as tarefas de:

(...) olhar pela criação das crianças, supervisionar os escravos, cuidar das provisões alimentares, administrar os trabalhos domésticos, zelar pela preservação armazenagem agrícola, controlar o estoque de produtos e também se empenhar, pessoalmente, na fiação e tecelagem, na condição de prover as roupas necessárias para a família (LESSA, ano: 2001).

Os autores, em sua maioria, afirmam que as esposas ficavam confinadas no interior do Oïkos, só saindo em ocasiões especiais para exercer algumas atividades, tais como: cumprir com suas obrigações religiosas, fazer compras pessoais, ir às cerimônias, mas sempre acompanhadas.

Porém, esta situação não se aplica a todos os grupos sociais, porque provavelmente a reclusão das mulheres, mesmo sendo desejo da maioria das pessoas de uma dada região, acarretava gastos com os quais muitos pobres, por exemplo, não poderiam arcar.(WALKER:1984,p.81).

Segundo Roger Just (1989), não há documentos que representem a “voz autêntica” das mulheres falando a respeito de si mesmas. O autor acrescenta ainda que, por conhecermos apenas o que os homens diziam sobre as mulheres em Atenas,

podemos no máximo argumentar que estamos acessando somente o que eles atenienses pensavam sobre elas. Assim, podemos observar como determinadas regras e regulamentos construídos pelos homens procuram definir e situar as mulheres no interior de uma sociedade, cuja concepção é marcada por uma visão masculina (JUST, 1989:1; POMEROY, 1987: 10; MOSSÉ, 1990: 150).

Em se tratando de uma sociedade patriarcal, em que o homem tinha o absoluto poder sobre o sexo feminino (VRISSIMTZIS, 1995: p 27), restava às mulheres a condição de passividade nas relações sociais. No que se refere à superioridade masculina sobre a mulher, Heródoto, através da fala, endereçada ao Xerxes, de Artemísia, que exerceu a tirania em Halicarnassos, revela o seguinte: “(...) poupa tuas mãos persas -, não te engages em um combate naval; a superioridade homens da Ática - sobre os teus os persas no mar é tão grande quanto a dos homens sobre as mulheres”².

Então, as mulheres estavam subordinadas aos homens nas esferas política, social e jurídica. Na sociedade ateniense, elas eram consideradas psicologicamente não-autônomas, não-livres e incapazes de controlarem a si próprias. Ao contrário, as virtudes e a psicologia masculinas eram centradas em torno das noções de autocontrole, racionalidade e de capacidade para não dar meios à emoção (HUMPHREYS, 1993: 36).

Lessa (2001) ressalva que é do nosso conhecimento que a *polis* ateniense não chegou a propiciar a participação direta das mulheres nos negócios públicos. Esta atitude é predominante no mundo grego, mas não chega a impedir a existência de exceções.

Heródoto menciona a presença de Artemísia à frente do poder político em Halicarnassos, onde exerceu a tirania após a morte de seu esposo. Assim, vejamos:

(...) mencionarei, porém, Artemísia, porquanto me causa profunda admiração o fato de essa mulher haver participado da expedição contra os helenos. Com efeito, após a morte de seu marido, embora tivesse um filho de tenra idade ela mesma passou a exercer a tirania, e obedecendo à sua coragem e a sua audácia viril incorporou-se à expedição sem ter sido compelida a isso de forma alguma³.

Em se tratando de Heródoto, J. Marie Gagnebin (2003: p.16) afirma-o como:

² HERÓDOTOS. Op. cit., livro VIII, p. 68.

³ Idem, ibidem, livro VII, p. 366.

(...) aquele que quer apresentar, mostrar (*apodexis*) aquilo que viu e pesquisou. Trata-se, então, de um relato de viagem, de um relatório de pesquisa, de uma narrativa informativa e agradável que engloba os aspectos da realidade dignas de menção e de memória.

Já François Hartog (1999) argumenta que Heródoto descreve os outros povos; narra com generosidade e admiração os seus “estranhos” costumes, mas só consegue falar deles “em grego”, isto é, com as categorias e com a lógica de compreensão de um grego do século V.

Então, não sentindo necessidade de aprender as línguas dos povos que visita, Heródoto tenta tornar o diferente inteligível a partir de um exercício que o transforma no “outro do mesmo”, no duplo inverso e simétrico do modelo primeiro (grego); modelo sempre presente nas representações que constrói dos outros povos, visto que falar do “outro” constitui um exercício com que se fala de si próprio.

O livro II (Euterpe), consagrado ao “fabuloso” Egito, região de muitas “maravilhas”, está cheio dessas descrições invertidas com as quais Heródoto procurou mostrar o elevado grau de diferença dos costumes egípcios em relação aos gregos. Observemos, assim, a passagem que se segue, em que as atividades dos homens e das mulheres egípcias são descritas a partir da inversão dos costumes gregos:

Mas vou alongar-me em minhas observações a respeito do Egito, pois em parte alguma há tantas maravilhas como lá, e em as terras restantes não há tantas obras de inexprimível grandeza para serem vistas; por isso falarei mais sobre ele... entre os egípcios as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem. Em toda parte se tece levado a trama de baixo para cima mas os egípcios a levam de cima para baixo. Os homens carregam os fardos em suas cabeças, mas as mulheres os carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé, e os homens acorados⁴.

Para ser fiel a intenção das suas *Histórias* de narrar também os feitos dos “bárbaros”, o narrador Heródoto tenta permanecer firmemente no lugar privilegiado do meio e da mediação, a fim de transmitir aos gregos a compreensão de que os “bárbaros” não são nem piores nem melhores, mas simplesmente diferentes. Para descrever e entendê-los, Heródoto, segundo Hartog (1999), recorre a alguns procedimentos narrativos: oposição, inversão, comparação e a todas às figuras que transformam a diferença múltipla em alteridade.

⁴ HERÓDOTOS. Op. cit., livro II, p.99.

O último caso, o das Amazonas, nos permitem refletir sobre a inversão. São mulheres consideradas selvagens por não possuírem hábitos femininos, pois manejavam o arco, atiravam com a lança, montavam a cavalo e não falavam a língua Cita. Mas, esses fatores não impediram o relacionamento destas mulheres com os jovens Citas.

Hartog faz uma análise das Amazonas afirmando que após terem escapado dos gregos, elas desembarcaram na Cítia e puseram-se a fazer o que lhe eram de costume, isto é, dedicar-se a pilhagem:

A primeira vez que elas encontraram uma manada de cavalos, apossaram-se deles e, montados sobre esses mesmos cavalos, puseram-se a pilhar os bens dos citas. Os Citas não podiam entender o que estava acontecendo, pois não conheciam nem a língua nem o traje, nem o povo da amazonas, perguntando-se espantados de onde elas vinham. Tomaram-nas por homens que tinham todos a mesma idade e entraram em combate com elas⁵.

Então, para “vencer” as amazonas, recomenda-se aos jovens uma conduta ardilosa, pois eles

(...) deveriam acampar junto delas e fazer o que elas fizessem. Se elas os perseguissem, fugiriam sem combater, e quando tivessem cessado, elas voltariam a acampar ao lado deles (...). As amazonas, quando contataram que eles não tinham vindo para fazer-lhe nenhum mal, deixaram-nos em paz. E, a cada dia, um dos acampamentos aproximava-se do outro. Os jovens citas, assim como as Amazonas, não tinham nada além de suas armas e viviam, como elas, de caça e de pilhagem⁶.

Neste contexto, a ambigüidade de sua posição os torna, ao mesmo tempo, muito próximos e muito distantes das amazonas. Para seduzir essas virgens guerreiras, enviavam-se guerreiros virgens. As amazonas, então, respondem que não saberiam viver como as mulheres citas e que isso não estava em questão. Por último, falaram o seguinte: “(...) Ide vós encontrar vossos pais, recebei vossa parte de seus bens, depois voltai e moraremos em um lugar nosso (...). Os jovens obedeceram e fizeram assim”⁷.

Nesse sentido, observa-se que é o esposo que fornece “o dote” e não, como é habitual na Grécia, a jovem mulher. A jovem casada- e essa é a segunda anomalia da cena- vem geralmente morar na casa de seu marido: ela deixa o Oïkos paterno para

⁵ HERÓDOTOS. Op. cit., livro IV p.230

⁶ Idem, ibidem, livro IV p.231

entrar no de seu marido. As amazonas, porém, recusam isso. Efeito das inversões herodotianas (HARTOG: 1999, p. 237).

Com relação às mulheres Citas, as amazonas ocupam mais a posição do esposo que a da esposa, já que são os maridos que trazem o “dote”, deixam o Oîkos paterno e ainda obedecem a elas. De um modo geral, a obra de Heródoto mostra que, do começo ao fim, as Amazonas têm atos de iniciativa, podendo assim intitular-se como genitoras dos Sauromatas, assegurando-lhes uma descendência. Mas se as amazonas ocupam antes a posição de maridos, nem por isso seus maridos se tornam “esposas” (HARTOG, 1999: p. 239)

Ainda segundo Hartog (1999), através da exibição de suas *Histórias*, Heródoto quer que todas as marcas do fazer dos homens não se tornem “privadas de *Kléos*” para que não “passem” (*exítela*) como uma pintura que pouco a pouco é apagada pela ação do tempo; por isso, ele percorre igualmente uma e outras cidades, rememorando os feitos humanos que as movimentavam.

Suas *Histórias* são divididas em nove livros aos quais a posteridade atribuiu o nome de cada uma das nove Musas. Sua intenção ou projeto central era evitar que os feitos dos homens, tanto helenos, como “bárbaros”, se apagassem e cessassem de ser contados. Então, os quatro primeiros livros são extensamente ocupados pelas narrativas consagradas aos não-gregos (lídios, persas, babilônios, massagetas, egípcios, citas, líbios, etc.), enquanto os cinco últimos são, em grande parte, reservados à narrativa das próprias Guerras Médicas. Divisão que caracteriza algumas leituras tradicionais já realizadas sobre Heródoto e que não atenta para o fato de que em toda sua obra há referências ao “outro”, seja nos quatro primeiros livros, seja nos subsequentes. Daí que Hartog (1999) designa Heródoto como um “rapsodo da alteridade”.

Apesar das poucas evidências sobre a origem de Heródoto, percebemos que ele assume uma posição de narrador, de sujeito soberano da enunciação, pois se coloca como aquele que viu e ouviu informações que foram posteriormente transmitidas ao nosso saber. Desse modo, é que nos vemos contemporaneamente com a possibilidade de acessarmos uma obra do séc. V a.C. que nos permite discutir questões bastante atuais, a exemplo do feminino e da alteridade, temas aqui abordados.

